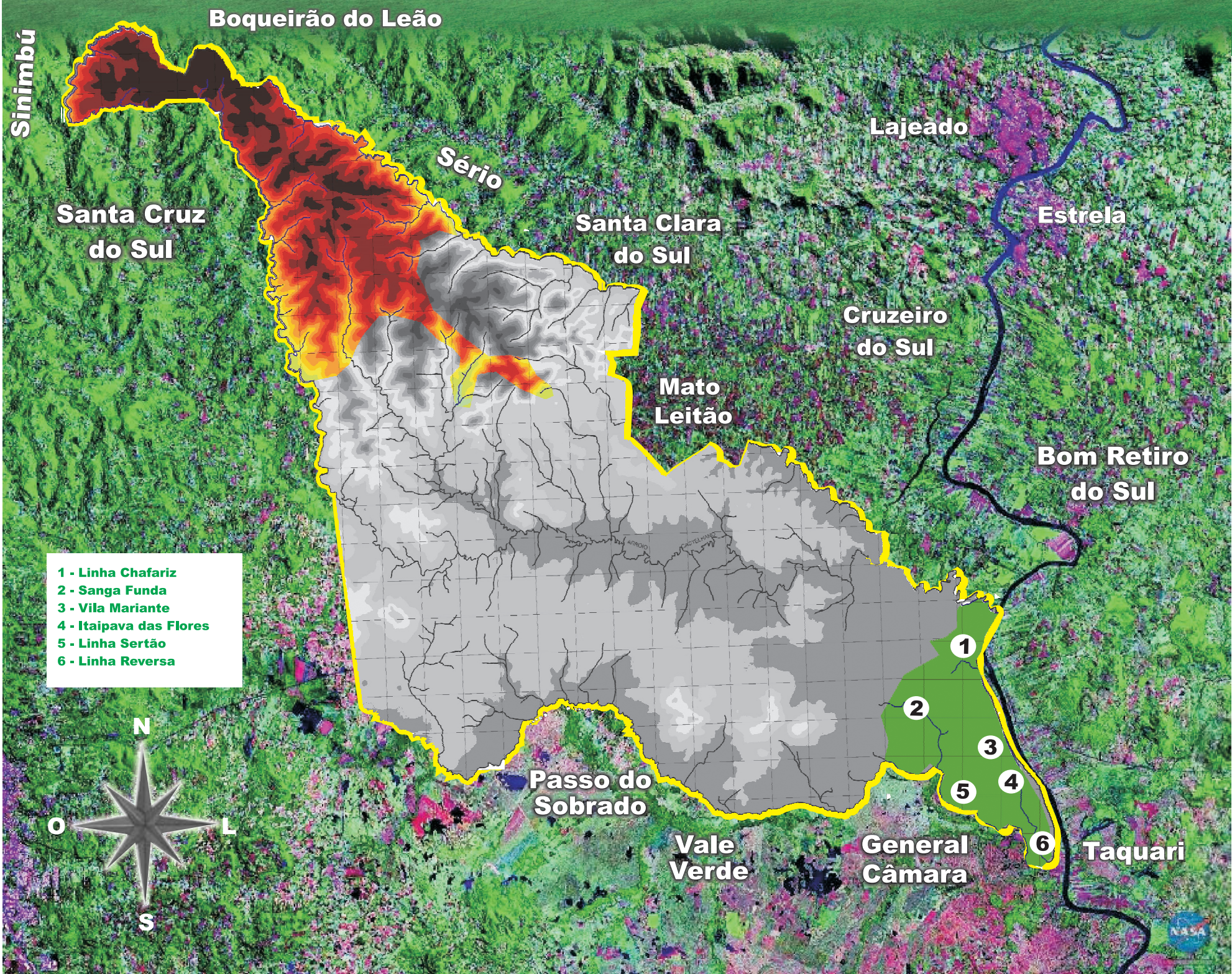


## SEGUNDO DISTRITO

# A história do Cel. Antônio Joaquim da Silva **Mariante**



ESTE PROJETO TEM O APOIO DO GRUPO CTA-CONTINENTAL.



# Distrito de Mariante é o segundo mais antigo

A região dos Mariante engloba o segundo e o nono distritos. Ambos reúnem toda a área de terras que vai desde a Sanga da Divisa, em Linha Ponte Queimada, até o Rio Taquari. Esta região é considerada o berço da colonização germânica e o segundo mais antigo distrito de Venâncio Aires, criado em 28 de outubro de 1897.

Foi na antiga Estância Mariante que o coronel Antônio Joaquim da Silva Mariante fundou a primeira colônia de imigrantes germânicos, em 1856. Parte desta história será contada neste suplemento, mas os maiores detalhes aparecerão no suplemento que contará a história de Estância Nova, antiga Estância Marian-te.

O coronel Mariante é o personagem principal das histórias contadas no suplemento que ora apresentamos. Mas a história envolvendo a região do segundo distrito é mais antiga e começa muito antes de 1856. Estima-se que entre os anos de 1760 e 1800, os primeiros casais de colonizadores portugueses instalaram-se na margem direita do rio Taquari, entre os arroios Castelhana e Taquari Mirim. Alguns casais vieram diretamente de Portugal e também da região das ilhas dos Açores e Madeira e ficaram conhecidos como ilhéus ou açorianos. Outros vieram dos estados da Bahia e do Rio de Janeiro, especialmente militares a serviço do Império, que lutaram na Revolução Farroupilha (1835-1845) e na Guerra do Paraguai (1864-1870). Estima-se também que entre estes militares estava o coronel Mariante que, após a Revolução Farroupilha, teria recebido do governo imperial uma grande área de terras devolutas, denominada sesmaria. Parte dessa terra, aproximadamente 2.100.000 braças quadradas, equivalente a 1.016 hectares, foi transformada em colônia de imigrantes germânicos. Esta vasta área atualmente pertence ao distrito de Estância Nova.

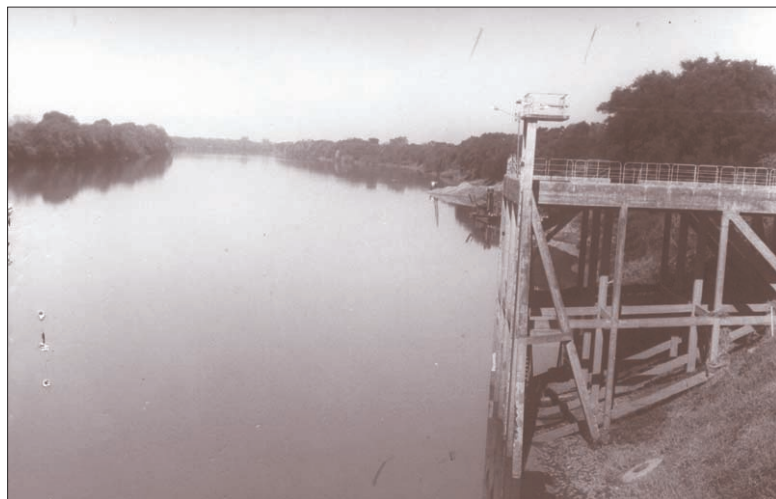
Mas a história contada pelos moradores é ainda mais antiga e remonta ao tempo quando apenas índios, conhecidos como bugres, habitavam as matas próximas ao rio Taquari. Aliás, o nome "taquari" é de origem tupi-guarani e significa "rio das taquaras". O legado deixado por estes índios foi muito importante para a cultura local e não pode ser desprezado. Até hoje é possível encontrar grandes moitas de taquara (também chamada bambu) nas margens do rio.

Índios, religiosos, escravos, militares imperiais e imigrantes europeus moldaram, ao longo de quase três séculos, as características da população da região de terras baixas de Venâncio Aires e, por consequência, do resto do município.

Acredita-se que as terras eram ocupadas somente por índios até por volta de 1700, quando começaram os primeiros movimentos de conquista, inicialmente pelos padres Jesuítas e, mais tarde, pelos castelhanos a serviço da Coroa Espanhola e pelos bandeirantes a serviço da Coroa Portuguesa.

## LADRILHOS

Nas entrevistas com moradores mais antigos do segundo distrito, muitos ladrilhos perdidos da sua história foram descobertos: Linha Chafariz é uma ilha; a sanga funda é mais profunda que o canal do rio; o mis-



O rio Taquari e o cais do porto de Mariante nos anos 1950

terioso buraco dos padres jesuítas; a escola que nasceu para ser um hospital; o cinema; a estação rodoviária; a estação de tratamento de água; os barcos de areia, os quatro portos; a ponte de ferro na divisa com General Câmara, as taquareiras, a itaipava, a reversa... enfim, muitas histórias interessantes e curiosas.

Durante a pesquisa também encontramos realidades evidentes, que acabaram contribuindo para dificultar o desenvolvimento do segundo distrito: o abandono dos portos; as grandes enchentes; a falta de valorização do rio como via de transporte fluvial e do turismo; o êxodo e a falta de perspectiva para os jovens; as grandes obras federais, como a barragem de Bom Retiro, o super porto de Estrela, a BR-386, a Refinaria de Petróleo de Canoas e obras estaduais como o asfaltamento da RSC-287, que antigamente era chamada de Estrada Real. Vale citar a influência dos políticos regionais da época, especialmente na década de 1960.

## COLONIZAÇÃO

O coronel Mariante incentivou a colonização de uma parte de suas terras por imigrantes alemães, recebendo por isso o reconhecimento do governo imperial. A Colônia Mariante é, portanto, a mais antiga de Venâncio Aires.

O desenvolvimento dos dois distritos deu-se em torno da família do coronel Antônio e seus descendentes. Por esta razão, várias localidades do segundo e do nono distritos conservam a denominação que lembra a história dos Mariante.

Até 1996, toda a área da antiga sesmaria pertencia ao segundo distrito. Naquele ano, o município promoveu uma readequação distrital, elevando para nove o número de distritos e separando a Vila (que passou a ser sede do segundo distrito) da Estância Nova (sede do nono distrito).

Para tentar recuperar os ladrilhos perdidos da história do segundo distrito, lideranças antigas e atuais de Vila Mariante, Linha Chafariz, Sanga Funda, Itaipava das Flores, Linha Sertão e Linha Reversa reuniram-se no dia 21 de maio de 2007. O encontro aconteceu na Escola Estadual Coronel Brito, educandário que concentra todas as atividades letivas do distrito.

O trabalho que ora apresentamos é o resultado das histórias contadas neste encontro. Também aparecem informações coletadas em pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Educação em 1999 e em várias entrevistas realizadas nas localidades.

Seis livros de conteúdo histórico servirão de referencial teórico para a produção deste suplemento.

## DESENVOLVIMENTO

Até a década de 1960, o rio Taquari foi a principal via de desenvolvimento do segundo distrito e de todo o município de Venâncio Aires. Toda a produção agrícola destinada aos portos Alegre e de Rio Grande, oriundos das regiões do Planalto e das Missões, passava obrigatoriamente pelos portos Labres, Cananéia, Gomes e Mariante, todos dentro do território de Venâncio Aires. Na Vila também haviam grandes depósitos de combustível das principais distribuidoras de petróleo da época.

O transporte terrestre concentrava-se em Mariante, através da RS-130, que até hoje corta o distrito de Norte a Sul e liga Venâncio Aires com os municípios da parte alta do Vale do Taquari e da região carbonífera. O movimento das demais localidades da região da Serra seguia até Mariante pela antiga estrada, atualmente denominada RSC-287, passando pela cidade de Venâncio Aires. Na Linha Reversa era feita a travessia dos veículos para o outro lado do rio, que seguiam para Taquari, Triunfo ou Porto Alegre. Até 1940, quando começaram a chegar os primeiros caminhões, a produção de madeira, erva-mate, fumo e gado da região da serra seguia até Mariante em grandes carroças puxadas por três ou quatro juntas de bois ou mulas. O transporte do gado para os abatedouros era feito pelos tropeiros. Índios e escravos trabalhavam no transporte de erva-mate e na construção dos montes de terra para salvar o gado em época de enchente.

No final da década de 1960 e durante a década de 1970, o governo promoveu o asfaltamento das estradas de terra, a construção de pontes, barragens e abertura de estradas novas. A partir daí, Vila Mariante entrou em decadência, porque as obras desviaram o movimento para os municípios de Lajeado e Estrela.

Atualmente, a agropecuária é a principal fonte de desenvolvimento do segundo distrito. Fumo, milho e pastagens são os produtos que geram renda, além da criação de gado em grandes fazendas. O abate e beneficiamento de carne bovina, através do frigorífico local, constitui-se na principal fonte de emprego. Na área de comércio, o distrito conta com oficinas mecânicas, supermercado, posto de combustível, açougues, agropecuária, restaurantes, lancherias, navegação e depósitos de areia. O setor de serviços também é bem



O porto de Mariante em 2007, com os barcos de areia, os cais e o armazém



Grandes distribuidoras de combustível instalaram-se nos anos 1950



Lideranças do segundo distrito colaboraram na reconstrução histórica

diversificado, a começar pela escola de ensino médio, o posto de saúde, posto da Brigada Militar, sistema direto de telefonia fixa, Estação de Tratamento de Água, Estação Rodoviária e serviço de táxi.

A vila também abriga uma capacidade do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem – Daer, responsável pela manutenção da RS-130, que corre paralela ao rio Taquari, desde Cruzeiro do Sul até General Câmara.

## MEMÓRIA

Lentamente, a população local tenta recuperar o progresso perdido, enquanto lembra dos áureos tempos. Entretanto, os poucos sinais que ainda restam estão se perdendo: o passo da reversa deixou de existir com a construção da ponte sobre o rio Taquari; o cinema e os hotéis fecharam; os grandes depósitos de combustível foram desativados e os dois cais do porto estão em ruínas...

Por outro lado, a Vila Mariante e suas localidades vizinhas reúnem grande potencial de desenvolvimento: as terras são planas e férteis; o acesso asfáltico facilita o escoamento da produção agrícola, da agropecuária e da prestação de serviços; o rio Taquari oferece condições para

incrementar o transporte fluvial e o eco-turismo. A vila possui casas de comércio bastante diversificadas. A infra-estrutura de educação, de energia elétrica, telefone direto, água tratada... Todos estes fatores poderiam dar uma grande injeção de ânimo nas lideranças locais e trazer de volta o progresso para todo o segundo distrito de Venâncio Aires, que tem a maioria da população laboriosa e com muita fé, especialmente em Nossa Senhora dos Navegantes.

## DADOS GERAIS

Sede: Vila Mariante  
Distância da cidade: 25 km  
Principal via de acesso, a partir da cidade: RSC-287, asfaltada  
Limite distrital: Estância Nova  
Limites Municipais: General Câmara, Taquari, Bom Retiro e Cruzeiro do Sul  
Clima: subtropical  
Relevo: Terras baixas e planas das várzeas do Rio Taquari e dos arroios Taquari Mirim e Castelhana  
População\*: urbana: 821; rural: 1.477. Total: 2.298 habitantes  
(\* Dados do censo 2007.

# Rio Taquari/Antas tem 530km de extensão

Antes da chegada das rodovias asfaltadas (a partir dos anos 1960), o transporte no Rio Grande do Sul era basicamente pelos rios. Ter acesso ao rio era tão importante para um município quanto ter acesso asfáltico atualmente. Por esta razão, o rio Taquari teve um papel preponderante na evolução histórica de Venâncio Aires.

A palavra "taquari" é de origem tupi-guarani e significa "rio de taquaras". Na época da chegada dos primeiros colonizadores, em meados de 1700, as margens do rio eram ricas em taquareiras. Até hoje é possível encontrar grandes moitas de taquara ao longo de suas margens.

O rio Taquari tem várias nascentes nos municípios de Cambará do Sul e Bom Jesus, no Planalto dos Campos Gerais (Campos de Cima da Serra), quando é ainda conhecido como Rio das Antas. Com este nome, o rio faz um percurso de 390 km, serpenteando por entre as montanhas. Nas proximidades do município de Muçum, recebe as águas do rio Guaporé, onde então passa a se chamar rio Taquari. Com este nome, perfaz um percurso de 140 km, até encontrar-se com o rio Jacuí.

Ao longo de 530 km de extensão, o rio recebe as águas drenadas de 98 municípios, correndo na direção Norte-Sul até a cidade de Taquari, onde faz uma curva para Sudeste até a foz, no município de São Jerônimo.

No percurso até o Jacuí, o Taquari-Antas atravessa várias regiões fisiográficas: Campos de Cima da Serra, Encosta Superior do Nordeste, Encosta Inferior do Nordeste e Depressão Central. As altitudes variam de 1,2 km no extremo Leste, junto à região dos Aparados da Serra, até aproximadamente o nível do mar, quando encontra o seu destino. A área da bacia Taquari-Antas perfaz aproximadamente 27 mil km<sup>2</sup>, correspondendo a cerca de 37% de área total da bacia do Jacuí.

## NAVEGAÇÃO

O rio Taquari tem um trecho navegável de 147 km desde a foz até o município de Muçum. Devido às suas características específicas, este trecho foi dividido em subtrechos com condições peculiares. Da foz à cidade de Taquari, a extensão do trecho navegável perfaz 31 km, com profundidade de 3,5m em 90% do percurso. Da cidade de Taquari até Arroio do Meio, numa extensão de 68 km, mantém profundidades de 3,0m em 90% do percurso graças a barragem com eclusa construída no município de Bom Retiro do Sul.

De Arroio do Meio a Muçum, numa extensão de 48 km, somente

pode ser navegável nas cheias. O período de águas altas é de junho a dezembro e o de águas baixas vai de janeiro a maio.

No período das chuvas, o Taquari exhibe todo o seu potencial destruidor. As águas vazam nas margens baixas, a partir de Encantado até São Jerônimo. Em Vila Mariante as cheias representam um fator que inibe o desenvolvimento da localidade. Em 2007, a vila foi alagada duas vezes.

Da foz até as proximidades da cidade que leva o seu nome, o rio apresenta excelentes condições de navegação, dispensando até mesmo o balizamento com bóias. O segmento que exige algum cuidado por parte dos navegantes é aquele compreendido entre a ilha do Pai José e a ilha dos Macacos.

A partir de Taquari, até atingir a Barragem de Bom Retiro do Sul, numa extensão de 34 km, a hidrovia oferece algumas restrições à navegação inerente ao fato de ter sido implantado um canal artificial, através de dragagens, precedidas ou não de derrocamentos, ao longo da maior parte desse estirão. O canal do rio tem calado (o quanto a embarcação pode afundar na água) de 2,50 metros, largura de 30 metros em alguns trechos e a sinuosidade do curso d'água não enseja as mesmas condições de navegação, resultando em limitações ao trânsito noturno de embarcações carregadas, no sentido montante-jusante (a favor da correnteza). Para manter o nível de profundidade, dragas do Departamento de Portos, Rios e Canais – Deprec, do governo do Estado, efetuam a retirada dos cascalhos do canal periodicamente.

Desde Bom Retiro do Sul até o Porto Fluvial de Estrela, ao longo de um percurso de 22 km, a barragem assegura condições ótimas de navegação, com calado de 3,2 m, sem qualquer necessidade complementar de serviços de regularização ou mesmo de balizamento.

Ao cruzar pelo município de Venâncio Aires, o rio Taquari recebe as águas dos arroios Castelhana, Chafariz e Taquari Mirim. O primeiro e o último representam as divisas territoriais municipais de Venâncio Aires com Cruzeiro do Sul (ao Norte) e General Câmara (ao Sul). De uma ponta a outra, são aproximadamente 20 quilômetros de extensão.

Até a década de 1970, o rio Taquari movimentou o progresso das regiões do Planalto e das Missões do Rio Grande do Sul. Os portos Gomes e Mariante recebiam embarcações de carga e de passageiros que vinham de Porto Alegre e Rio Grande. Ambos representaram o elo de ligação rodoviária para o escoamento da sa-

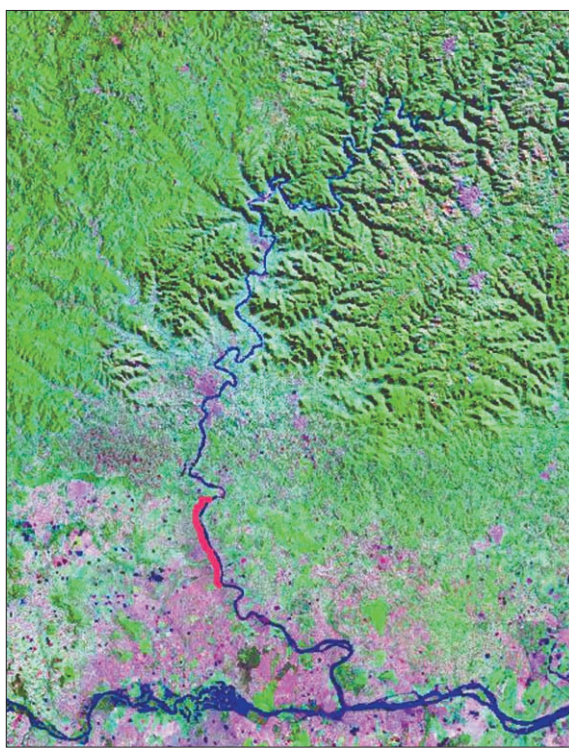


Imagem de satélite revela a silhueta do rio Taquari, que nasce do encontro das águas do Rio das Antas com do Guaporé e segue até encontrar-se com o rio Jacuí



Moitas de taquara ainda são encontradas nas margens do rio

fra de grãos, especialmente milho, trigo e soja, com destino à capital do Estado e também para exportação. Em Mariante também havia o porto Cananéia e em Chafariz o porto Labres, onde atracavam grandes barcos a vapor, com capacidade para até 300 pessoas. Duas vezes por semana, os vapores da Companhia de Navegação Arnt, de Taquari, percorriam a rota Lajeado/Porto Alegre.

Nas décadas de 1960 e 1970, duas grandes obras federais e duas estaduais determinaram a decadência do movimento por Mariante e ajudaram a sacramentar o fim de um período de progresso do segundo distrito de Venâncio Aires.

Atualmente, o rio continua sendo importante para o desenvolvimento do distrito de Mariante, porém seu movimento é muito inferior ao dos anos 1960. O tráfego é constituído basicamente por embarcações de areia. Em Mariante há dois pontos de descarga. O material é utilizado na construção civil em Venâncio Aires e municípios vizinhos. Leia mais sobre o porto na página que conta a história da Vila Mariante nesta edição.

## TURISMO

O potencial turístico do rio Taquari nunca foi explorado em toda sua plenitude. Ao longo das margens há inúmeras praias cobertas com cascalho. Durante o verão, o nível baixo das águas favorece os esportes náuticos, a pesca e os banhos. Devido a estas características, a população de Vila Mariante dobra nos finais de semana de verão, com a presença de turistas, apesar da pouca infraestrutura disponível.

O rio também possui a função estratégica de fornecer água para o abastecimento das populações ribeirinhas desde o seu nascedouro. Mariante é o único distrito de Venâncio Aires (além da cidade) atendido por uma Estação de Tratamento de Água da Companhia Rio-grandense de Saneamento – Corsan, que é responsável pelo fornecimento de água potável aos municípios costeiros.

## CONSERVAÇÃO

Há quase 200 anos, o rio é explo-



Praias cobertas com cascalho favorecem o turismo no verão



Periodicamente, canal do rio é dragado para retirada de cascalhos e entulhos

rado economicamente, primeiro com a navegação e, nas últimas décadas, como canal de esgotamento sanitário das cidades costeiras, que não possuem estações adequadas para tratamento de resíduos. Embora algumas indústrias utilizem sistema próprio de tratamento de esgoto, o lançamento das águas servidas acontece diretamente no leito do rio ao longo de toda sua extensão. Também não há controle sanitário sobre os

níveis de poluentes, capaz de determinar se as águas são impróprias ou não para o banho.

A conservação da mata ciliar também requer atenção, pois representa a preservação do rio como fornecedor de água para as cidades ribeirinhas, como também evita o assoreamento do leito principal, o que contribui para aumentar a erosão e os prejuízos causados pelas enchentes.



Barcos carregam até 1.000m cúbicos de areia



# Tem água em abundância em Linha Chafariz

Linha Chafariz localiza-se na parte Norte do segundo distrito, distante 34 quilômetros do centro de Venâncio Aires. O acesso principal, a partir da cidade, dá-se pela RSC-287 até o trevo de Mariante, seguindo então pela RS-130, que corta a localidade de Norte a Sul. A ponte sobre o arroio Castelhana marca a fronteira com o município de Cruzeiro do Sul. A ponte é de concreto, oferece boas condições de segurança, não é alagada no período de cheias, porém é estreita e dá passagem a somente um veículo de cada vez.

Além do arroio Castelhana, a localidade é cortada pelo arroio Chafariz, de quem herdou o nome por ser uma localidade rica em fontes de água. O contorno dos dois arroios confere ao lugar características de uma ilha, tendo o rio Taquari como destino final de suas águas. Em cada propriedade há uma sanga ou açude, com muitos coqueiros e vegetação nativa. A água é abundante, porém não é potável devido a presença excessiva de flúor, que a torna desaconselhável para o consumo humano. O relevo é característico de várzeas alagadas, com paisagens típicas da região pantaneira. Nas áreas mais elevadas, a agricultura mecanizada pode ser aplicada de forma intensiva. Tanto as casas antigas quanto as mais recentes são construídas em locais mais elevados e, mesmo assim, com alicerces com até dois metros de altura, para evitar maiores prejuízos no período das enchentes.

Por volta de 1850, toda a terra que hoje integra Linha Chafariz era de propriedade do Coronel Mariante. Os primeiros moradores instalaram-se por volta de 1910, sendo a maioria de origem luso-açoriana. Entre os pioneiros estão as famílias Lourenço da Luz, Gonçalves, Labres, Fonseca, Costa, Silva, Martins, Azere-do, Santiago, Ferreira, Saraiva e Machado. Também aparece um sobrenome germânico Guintzel (talvez Künzel).

## PORTO LABRES

A maior dificuldade inicial dos colonizadores foi o isolamento, devido à distância dos maiores centros urbanos da época (Lajeado, Estrela, Taquari e Venâncio Aires). O comércio mais próximo era na Vila Mariante (cerca de oito quilômetros) o que motivou a família de João Labres a construir um porto com ancoradouro na margem do rio Taquari e fundar uma casa de comércio. A iniciativa foi bem sucedida, trazendo prosperidade para a família e para a localidade. Até os anos de 1960, o porto Labres era ponto de embarque e desembarque de passageiros que utilizavam como meio de transporte os barcos a vapor (tracionados através de grandes rodas d'água nas laterais). Barcos menores e mais modernos para a época,

chamados "gasolina", também ancoravam no porto para carregar e descarregar mercadorias. Duas vezes por semana os vapores percorriam o trajeto Lajeado/Porto Alegre, com escala em Chafariz e Mariante, enquanto que a presença das gasolinas era mais freqüente.

Além da navegação, a comunidade teve seu desenvolvimento baseado na criação de gado e na agricultura de subsistência. O gado era conduzido em tropa pela RS-130 em direção aos matadouros de Bom Retiro e Porto Mariante. Havia também grandes pomares de laranja. As frutas seguiam de carroça da lavoura até a casa comercial (chamada "venda") de João Labres, onde eram vendidas ou trocadas por outras mercadorias que os agricultores necessitavam.

O progresso de Mariante entre as décadas de 1940 e 1960 refletiu-se em Chafariz. As razões que provocaram a decadência da Vila foram as mesmas que levaram ao fechamento dos negócios da família Labres. Marcas daquele tempo de fartura estão presentes nos contornos da residência onde morou esta família. Construída em 1928, a casa mescla detalhes da arquitetura portuguesa em alvenaria, com detalhes em madeira, uma característica das zonas de imigração alemã.

## EDUCAÇÃO

A primeira escola era particular e funcionou na casa de Otilia Moreira Rocha, em 1946, com o nome de Aula Municipal Almirante Tamandaré. Otilia era a professora. Esta escola passou por várias denominações: em 1960, Escola Rural de Chafariz; em 1969, Escola Estadual de Chafariz e, em 1980, Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Chafariz, sua última denominação. Em 1988 iniciaram as obras de um prédio novo de alvenaria, em terreno doado por Waldomiro Pereira da Silva, pois a Escola ainda funcionava em condições precárias no prédio inicial.

No prédio novo a escola funcionou até 1995, quando o município e o governo do Estado adotaram o projeto de nucleação do ensino público. A escola foi desativada e os alunos foram transferidos para a Escola Estadual Coronel Brito, de Vila Mariante. Em Chafariz também havia a escola municipal Padre Anchieta, que foi desativada no mesmo ano. Atualmente, os alunos de Chafariz e da Sanga Funda estudam na Vila Mariante.

## RELIGIÃO

A população local pratica sua fé em dois templos distintos. O mais antigo é da Comunidade Católica São Cristóvão. A comunidade foi fundada em 1966 e tem sua sede ao lado do prédio antigo da primeira escola. O templo foi



Vista atual da casa da família Labres, construída em 1928



Encontro das águas do Castelhana com o rio Taquari

construído em meados da década de 1970. As missas acontecem uma vez por mês. Já o outro templo pertence à Igreja Evangélica Assembléia de Deus, que está presente na localidade há 30 anos.

Ao lado da igreja católica foi construído o pavilhão comunitário, em parceria com a prefeitura municipal e inaugurado no dia 09 de abril de 1995. Nele acontecem os eventos sociais da comunidade, como bailes e festas.

A pesca esportiva destaca-se entre as atividades de lazer dos moradores e também atrai turistas, devido à grande quantidade de locais alagados, além dos arroios e do rio Taquari. Nas proximidades do rio existem locais de lazer particulares ou abertos ao público, onde é comum o encontro de amigos e visitantes para piqueniques e acampamentos. Aos finais de semana, a população local tem por hábito participar de festas comunitárias, visitar familiares e freqüentar bares e canchas de bocha.

## ECONOMIA

No passado, a navegação e o comércio an-



Mata nativa, coqueiros e sangas formam a paisagem de Linha Chafariz



Igreja São Cristóvão ao lado do pavilhão comunitário



Templo da igreja evangélica Assembléia de Deus

coraram o desenvolvimento de Chafariz. Atualmente, a base da economia é a agricultura. O solo argiloso e fértil em função das enchentes favorece o cultivo de fumo, milho, aipim, batata e hortaliças em geral. Nas áreas alagadas planta-se arroz. Na pecuária destaca-se a criação de ovelha e búfalos, além do gado de corte nas várias fazendas e sítios.

A localidade carece de investimentos na área de infra-estrutura. A RS-130 é de chão batido, apesar de estar registrada como asfaltada. Em consequência, a poeira nos dias secos e o barro nos dias de chuva provocam transtorno à população e prejudicam o escoamento da produção. A carência de água potável e de comunicação via telefone fixo também são apontados como inibidores do desenvolvimento da localidade.

# A Sanga Funda, o buraco dos padres e a menina milagrosa

Linha Chafariz é uma localidade cheia de mistérios, que remontam à época dos padres jesuítas. Sanga Funda é um local que tornou-se conhecido em função desses mistérios. Como não há registros, as histórias foram contadas de geração em geração e acabaram virando lenda, mas tem aqueles que juram que tudo é verdade.

A região é rica em nascentes e é comum encontrar sangas e açudes. Na propriedade de Aldo da Silva está a famosa sanga funda. Com 140 metros de largura e aproximadamente 800 metros de comprimento, a sanga tem profundidade que varia de quatro a seis metros, maior do que o canal do rio Taquari, que é de cinco metros. Em épocas de cheia, a sanga recebe águas do rio Taquari e dos arroios Castelhana e Chafariz. Segundo a lenda, a sanga seria mal-assombrada porque na época do Brasil colônia, os padres jesuítas e os índios catequizados que habitavam a região teriam sido perseguidos pelos conquistadores espanhóis (castelhanos) e portugueses, que queriam saquear as riquezas, especialmente ouro e prata. Muito dessas riquezas teriam sido jogadas dentro da sanga pelos índios e padres.

## BURACO

Há outra lenda envolvendo os padres jesuítas. Pedrolina da Fonseca Coutinho, atualmente com 91 anos, lembra muito bem de "causos" contados por seus antepassados, dando conta que na barranca do rio, em frente da propriedade onde moram, havia um túnel, que os moradores mais antigos chamavam "buraco dos padres". Através desse túnel os religiosos atravessavam para a outra margem do rio, mas ninguém sabia como, pois os moradores antigos temiam que o local fosse assombrado. A lenda ganhou força porque na outra margem do rio, no município de Bom Retiro, existe até hoje ruínas de uma casa que era habitada por espanhóis.

Filha de pioneiros de Linha Chafariz, Pedrolina é uma das mais idosas moradoras da localidade. Casou-se com João Coutinho, com quem teve três filhos e duas filhas. Apesar da avançada idade, mora sozinha e goza de boa saúde. Gosta de passear em Porto Alegre onde vai visitar os filhos. Também gosta de viajar para o exterior. Em uma dessas viagens trouxe mu-



Pedrolina Coutinho lembra das histórias dos padres jesuítas

das de algodão do Egito, para as quais tem um carinho especial. Sua maior preocupação é a cheia do rio Taquari. A água chega a um metro de altura dentro da casa.

## MENINA

Outra história misteriosa envolvendo a crença popular diz respeito à menina milagrosa. Na década de 1950, pescadores da localidade en-



Aldo da Silva diz que nunca viu nada de "anormal" na sanga funda

contraram o corpo de uma menina, dentro de uma gamela, nas margens do rio. O corpo foi resgatado e enterrado na barranca, pois ninguém sabia quem era. A partir de então fatos estranhos começaram a acontecer, levando os moradores a acreditar que eram milagres atribuídos à criança. Criou-se um mito e até hoje o túmulo é visitado e conservado pelas pessoas que acreditam nos poderes da menina.

# Itaipava das Flores, Linha Sertão e Linha Reversa

Os índios foram os primeiros habitantes das Américas. Alguns historiadores, afirmam que os vales dos rios Taquari e Pardo eram ocupados pelas tribos Charrua, Tapes e Guarani, entre quase uma dezena de outras tribos espalhadas pelas florestas e pampas. Porém o legado desses povos primitivos foi gradualmente se perdendo, na medida em que avançavam os movimentos de colonização européia, inicialmente dos espanhóis e portugueses e, mais tarde, dos alemães e italianos.

Como não havia ainda um sistema de identificação conhecido, os nativos eram chamados bugres. O legado mais importante deixado pelas nações indígenas aos brasileiros está no idioma tupi-guarani, considerado uma das cinco grandes línguas faladas nas Américas pré-colombianas. São palavras e expressões usadas no nosso dia-a-dia e que explicam o significado de objetos, animais, plantas e lugares. "Itaipava" é uma dessas palavras de origem indígena. Significa "pequena represa no rio". A palavra é resultado da união de três expressões: I= rio; TAIPA= barragem/represa; AVA= pequena. O contrário de itaipava é itaipu.

A origem de Itaipava das Flores perdeu-se com o tempo e, apesar das intensas pesquisas, sua verdadeira explicação não foi encontrada. Localizada às margens do rio Taquari e ao Sul de Vila Mariante, Itaipava das Flores congrega outras duas localidades: Linha Sertão e Linha Reversa, onde fica o ponto mais extremo do lado Leste do município de Venâncio Aires, no local onde as águas do arroio Taquari Mirim encontram-se com o rio Taquari, a 40 km do centro da cidade. O principal acesso dá-se pela

RSC-287 até o trevo de Mariante, daí pela RS-130, que liga Venâncio Aires a General Câmara. Apesar de constar nos anais do Estado como asfaltada, a rodovia é de chão batido. A ponte ligando os dois municípios está em precárias condições, necessitando de reparos constantemente por parte do Daer, responsável pela manutenção da rodovia. Também há outra ponte em precárias condições, sobre a Sanga do Sertão, na mesma rodovia.

Uma das prováveis explicações para a origem do nome "itaipava" estaria em blocos de rocha que apareciam no rio Taquari na época de estiagem e represavam a água, formando uma pequena barragem. Mas, por que "das Flores"?

Outra explicação provável seria a referência a Itaipava, distrito de Petrópolis, no Rio de Janeiro, na época capital do Império. As cordiais relações do coronel Mariante com o barão de Uruguaiana e presidente da então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, teriam sido decisivas na passagem do imperador D. Pedro II duas vezes por Venâncio Aires, em 1846 e 1865.

A história inicial de Itaipava está ligada diretamente à história da Vila Mariante, pois toda a região pertencia ao coronel Antônio Joaquim da Silva Mariante. Além dele e de seus descendentes, os pioneiros foram todos de origem luso-açoriana, com destaque para os sobrenomes Junqueira, Pereira e Daniel. Na localidade mora um descendente direto da família do coronel. Valmor Machado Mariante é profissional da área da segurança pública e há 12 anos reside em Linha Sertão com a esposa Denise e um casal de filhos. Para enfrentar as enchentes, construiu sua casa sobre pilotis, porque a água chega a alcançar um metro e meio de altura na parte térrea.

## NAVEGAÇÃO

O transporte fluvial pelo rio Taquari já era importante desde os anos de 1860, pouco depois de o coronel Mariante ter fundado uma colônia de imigrantes germânicos. Registros históricos datados de 1897 revelam que a navegação pelos rios Jacuí e Taquari ocupava lugar de destaque na economia do Rio Grande do Sul. Naquele ano, o governador Julio de Castilhos determinou estudos para realização de obras que facilitassem o transporte de carga e passageiros pelos rios. Foi formada a Comissão de Estudos do Taquari, que trabalhou de 1897 até 1901 e concluiu que uma

das obras deveria ser feita na Itaipava das Flores porque, nos períodos de estiagem, a profundidade diminuía muito, expondo as rochas, o que dificultava a passagem das embarcações.

Em 1905 dois técnicos franceses, contratados pelo governo do Estado, sugeriram a construção de uma barragem com eclusa no rio Taquari e que o melhor local seria em Itaipava das Flores. Apesar dos inúmeros estudos técnicos, nenhuma obra foi feita até 1941, quando uma grande enchente provocou o assoreamento do rio, obrigando o estado a realizar obras emergenciais de dragagem. A construção da barragem com eclusa iniciou somente em 1958, mas em Bom Retiro do Sul, contrariando a orientação técnica.

## ENCHENTES

Aproximadamente 120 famílias moram atualmente em Itaipava, Sertão e Reversa. Em dias de chuva forte todos ficam em alerta, para salvar o que for possível em caso de enchente. Maria Pereira (76 anos) recorda que a grande enchente de 1941 deixou de fora apenas o telhado da casa onde morava. Ela tinha 10 anos e guarda até hoje na memória as cenas de destruição e fome. A água derrubou casas, armazéns e arrastou a plantação e muitos animais. Do telhado onde estava ela via as mercadorias, porcos e galinhas sendo carregados pela correnteza. A água levou três dias para baixar. Neste período só comiam farinha de mandioca com açúcar. Quando a enchente passou, seu pai carneou um porco e forneceu comida a cerca de 40 pessoas que buscaram ajuda na casa. Os porcos haviam sido colocados dentro de um barco e foram salvos da enchente.

## REVERSA

Dona Maria (como é carinhosamente chamada) também lembra dos tempos de progresso que a localidade experimentou entre as décadas de 1940 e 1960, quando todo o movimento de carros e caminhões que vinham da região da serra (via RS-422) atravessava pelo rio na barca do Passo da Reversa e seguia para Taquari e Porto Alegre. As filas de carros e caminhões alcançavam dois quilômetros. A família administrava uma casa comercial (bodega) que estava sempre lotada. Aos finais de semana, o povo se divertia nos bailes do salão de Amaro dos Santos e nos jogos de futebol do E.C. Palmeirinhas.

Após a construção da ponte do Mariante, o Passo da Reversa foi desativado. Veio a decadência e o êxodo rural; a maioria dos jovens foi tentar a vida em Porto Alegre; o salão de baile fechou; o E.C. Palmeirinhas resistiu por muitos anos, mas também encerrou suas atividades.

Até a educação sofreu com o êxodo. A localidade, que teve a primeira escola do segundo distrito há mais de 100 anos, não tem mais nenhu-



Imagem aérea de Itaipava das Flores, com grandes lavouras de milho, a RS-130 e um barco de areia subindo o rio Taquari



Imagem aérea da foz do Taquari Mirim, em Linha Reversa, no extremo Leste do município de Venâncio Aires



Ponte sobre o Taquari Mirim, na RS-130, em junho de 2007



Maria Pereira nasceu em 1931



Valmor Mariante mora com a família em Linha Sertão

ma desde 1995, quando a E.M. Olavo Bilac foi fechada e os estudantes transferidos para Vila Mariante.

O prédio da escola passou a ser sede da Associação dos Amigos de Itaipava das Flores, que por muitos anos promoveu a Festa do Milho. Mas este evento também não acontece mais. O último ponto de referência era a bodega da dona Maria Pereira, que resistiu até novembro de 2007, quando fechou as portas.

Atualmente, toda a economia da localidade está centrada na agricul-

tura. O milho é o principal produto, especialmente o milho verde, que é plantado em larga escala. A produção é vendida para a Ceasa, em Porto Alegre, ou para os municípios do litoral no período de veraneio. Também se destacam a plantação de alfafa (usada na alimentação de cavalos), de fumo e a criação de gado.

A localidade possui grande potencial turístico a ser explorado, especialmente nas margens do rio Taquari, onde existem muitas chácaras e sítios de lazer.

# AMACIANTE SOLEMIO, LIMPA-VIDROS E MULTIUSO BRASCLIN. É LIMPEZA COMPLETA SIM.

CONHEÇA TODA A LINHA  
DE PRODUTOS SOLEMIO E  
BRASCLIN NOS MELHORES  
MERCADOS DA REGIÃO.

